

PRÁTICA INVESTIGATIVA SOBRE O PROCESSO DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

Maria Fernanda Ribeiro Ferreira (1); Francinete de Sousa Oliveira (1); Lourhana dos Santos Oliveira (2); Regina Célia de Moraes Alves (3)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Caxias – maria.ferreira@acad.ifma.edu.br; (1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Caxias – fransouoliveira@gmail.com; (2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Caxias – lourhana.santos@acad.ifma.edu.br; (3) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, Campus Caxias – regina.alves@ifma.edu.br

Introdução

Há milênios, a história ilumina que os direitos humanos manifestam-se na vida real de forma desigual para grupos sociais e pessoas distintas. Mulheres, negros, indígenas, pessoas com deficiência entre outros grupos em desvantagem econômica na sociedade. Muito se tem ouvido nos últimos tempos acerca da palavra inclusão e exclusão, seja na mídia, nos espaços educacionais, ou mesmo nas instituições especializadas para pessoas com deficiência, Baptista 2009 ressalta a importância do diálogo e do debate a respeito do assunto.

A humanidade demonstra através dos tempos uma história de preconceitos e discriminação que, vem gerando, por muitas décadas, movimentos de exclusão em todos os níveis da sociedade. A exclusão social vem desde a antiguidade, onde mulheres, estrangeiros, deficientes e demais pessoas consideradas fora do que é normal pela sociedade eram excluídas, mas o fenômeno na época era tido como natural (FUMEGALLI 2012). Hoje, sabe-se que não se trata de normalizar as pessoas, mas de “normalizar” o contexto em que se desenvolvem.

Barroso 2003, chama atenção para práticas de exclusão que ocorrem até mesmo num contexto educacional que se intitula inclusivo. Segundo ele, a inclusão escolar dos alunos com deficiência na mesma “matriz” pedagógica dos séculos XVIII e XIX é responsável por muitos fenômenos de exclusão.

Entretanto, a exclusão também ocorre devido à práticas e valores da cultura que orientam as ações do homem. É o resultado de um processo histórico de construção de valores morais por parte das diferentes culturas. Este movimento do que é normal/anormal, também parte para a educação e provoca movimentos no contexto escolar.

Considerando os paradigmas conceituais e princípios que vem sendo progressivamente defendidos em documentos Nacionais e Internacionais. A inclusão é um movimento mundial de luta das pessoas com deficiências, seus familiares e inclusão também de pessoas ditas normais que estão na busca de seus direitos e lugar na sociedade (MENEZES 2015).

Em nosso país temos acompanhado um grande número de políticas e iniciativas que visam atender aos princípios da inclusão escolar das pessoas com deficiência, da consolidação da cidadania e luta pelos direitos constitucionais da população. Nos últimos anos por exemplo, houve um aumento significativo no número de matrículas de alunos com deficiência na rede regular de ensino. Diferentes maneiras de se pensar e fazer a inclusão tem povoado as políticas públicas e norteado a prática pedagógica das escolas (ANTUNES 2016).

Assim, a presente pesquisa permitirá levantar informações importantes no campo educacional promovendo questionamentos, fazendo com que haja maior interesse ao redor do tema. A pesquisa possui importante relevância, pois a mesma permitirá promover informações que contribuirão para o meio científico e acadêmico, tendo em vista existir a necessidade de discussão e entrosamento da comunidade acadêmica e em geral sobre os processos inclusivos e exclusivos, despertando assim, o senso crítico.

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como objetivo fazer uma análise sobre o processo de inclusão e exclusão no âmbito escolar em uma escola no município de Caxias, Ma.

Metodologia

A pesquisa está sendo realizada a partir da disciplina de Educação Inclusiva no IFMA – Campus Caxias, no qual fomos direcionados para uma coleta de dados. A escolha da escola foi feita pelos próprios alunos. O estudo, desenvolvido no município de Caxias, localizado no estado do Maranhão. Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados, entrevistas, questionários e observações. A pesquisa está sendo realizada nas dependências de uma escola X no município de Caxias-Ma. Os entrevistados - Professores, alunos (médio e superior) e demais servidores da escola, onde até o momento de pesquisa, foram entrevistados um total de 40 pessoas. Foi levado aos entrevistados um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser assinado e posteriormente, enviado ao comitê de ética.

Este trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa visto que para Neves (1996), neste tipo de investigação o pesquisador procura entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí situa sua interpretação dos fenômenos estudados. A leitura dos resultados é feita com base na análise de conteúdo, onde este tipo de método como menciona Campos (2004), é um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos do documento.

O instrumento utilizado para a coleta de dados é um questionário, por trazer uma série de vantagens como mencionam Gil (2011) e Marconi e Lakatos (2003); por que atinge grande número de pessoas simultaneamente; abrange uma extensa área geográfica; economiza tempo e dinheiro; não exige o treinamento de aplicadores; garante o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas; permite que as pessoas o respondam no momento em que entenderem mais conveniente; não expõe o entrevistado à influência do pesquisador; obtém respostas mais rápidas e mais precisas; possibilita mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento; obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis assim como também é possível através deste obter o perfil do público a ser entrevistado. Tratava-se de um questionário semi aberto com seis perguntas, onde procura obter as seguintes informações: 1. Conhece o Núcleo de Atendimento a Portadores de Necessidades Especiais (NAPNE) da escola? 2. Já se sentiu excluído? 3. Conhece alguém na escola com necessidades especiais? 4. Existe exclusão na escola? Onde? Como? 5. A escola tem suporte para promover a inclusão de pessoas com necessidades específicas? 6. Você se sente preparado para incluir os ditos especiais?

Os dados da pesquisa são analisados conforme proposto por Laurence Bardin (2009), segundo a técnica da análise do conteúdo. Segundo Bardin (2009), a função primordial da análise do conteúdo é o desvendar crítico. Pode-se dizer que análise de conteúdo é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise (MOZZATO; GRZBOVSKI, 2011).

Resultados e Discussão

Inicialmente foi observado que 85% dos alunos do ensino médio entrevistados não conheciam o NAPNE na escola, ou seja, mais da metade dos entrevistados não conheciam o Núcleo de atendimento a portadores de necessidades especiais, o que nos leva a concluir que há uma falta de interesse por parte dos alunos ou há a necessidade da escola informar mais sobre o NAPNE como foi relatado por alguns dos entrevistados. Já 75% dos Servidores, incluído professores e demais, conhecem o NAPNE.

Quando foram perguntados sobre a exclusão, 85% dos entrevistados do ensino médio afirmaram já terem se sentido excluídos. Dos servidores, 100% disseram que sim e superior, também 100% dos entrevistados disseram já terem se sentido excluídos. Dos alunos entrevistados, houve relatos que há exclusão até mesmo sobre o tipo de curso na escola, porque é criado um estereótipo, é construído um perfil sobre cada um. Alguns alunos também falaram sobre a discriminação dos professores para com alguns alunos.

Segundo Sawaia, 2002, a dialética inclusão/exclusão gera subjetividades específicas que vão desde o sentir-se incluído até o sentir-se discriminado ou revoltado. Estas subjetividades não podem ser explicadas unicamente pela determinação econômica ou por qualquer outro tipo de diferença, elas determinam e são determinadas por formas diferenciadas de legitimação social e individual, e manifestam-se no cotidiano como identidade, sociabilidade, afetividade, consciência e inconsciência.

Isso nos reafirma a ideia de que existem muitas diferenças e não somente aquelas que os nossos olhos podem identificar. A partir do momento que nos sentimos, por qualquer motivo, estamos excluídos. Para Antunes & Padilha (2005), “viver é conviver. É se relacionar. Somos seres de relação. Somos incompletos e inacabados. Nós somos incompletos porque sem o outro não existimos. Não há sentido em pensar eu e o mundo. É preciso pensar eu como um pedaço do mundo” (p.1). Precisamos refletir sobre nossas ações e vivências em todos os espaços de interação.

Assim, 83% dos entrevistados do médio disseram que conheciam alguém na escola com necessidade especial, 66% do superior conhecem alguém com necessidade e dos servidores 70% conhecem. Quando foram perguntados se existia exclusão na escola, 75% do médio disse sim, 75% do superior disse sim e 80% dos servidores disseram sim, que às vezes é comum um preconceito até mesmo por conta da profissão, e isso ainda é comum na sociedade, não somente no ambiente de trabalho, mas, na sociedade, por que esta rotula o que está a volta. A estrutura da escola acaba criando pontos de exclusão também, onde há necessidade de mais rampas de acesso entre outros citados.

91% dos entrevistados do médio disseram que a escola tem suporte para promover a inclusão de pessoas com necessidades específicas, 66% do superior disse que sim e 75% dos servidores disseram sim. Mediante opiniões dos entrevistados, a escola possui certo aparato para promover a inclusão, sendo que têm banheiros adequados, rampas de acesso, professores, interpretes entre outros, porém, se faz necessário uma maior conversação sobre o tema em salas de aulas, pois pouco se conhece ainda sobre os processos inclusivos e exclusivos, se fazendo importante esse debate.

E por fim, 83% dos alunos do ensino médio entrevistados disseram que se sentiam preparados para incluir os ditos especiais, do superior, 66% disse sim e dos servidores, 90% disseram não se sentir preparado para incluir. Mediante entrevista, os alunos disseram que sim porque conviviam com pessoas com necessidades e estavam acostumados, porém, não tinham domínio de Libras. Já entre os servidores entrevistados, houve relatos sobre a importância de domínio de Libras, de saber lidar com situações inesperadas e que não é só saber conviver em sala de aula com o aluno mesmo não dominando a libras por exemplo, vai muito mais além.

Portanto, ser excluído ou estar em estado de exclusão é ficar à margem, sem possibilidade de participar da sociedade, das relações sociais. Segundo Martine Xiberras (1993, p. 21), “excluídos são todos aqueles que são rejeitados de nossos mercados materiais ou simbólicos, de nossos valores”. Implica as imagens construídas no imaginário social como constituintes da exclusão. Castel (1998) vê a exclusão como a desafiliação, uma ruptura de pertencimento, de vínculos sociais, em que “[...] o desafiado é aquele cuja trajetória é feita de uma série de rupturas com relação a estados de equilíbrio anteriores, mais ou menos estáveis, ou instáveis [...]” (CASTEL, 1998, p. 416).

Segundo Gusmão 1997, o que proporcionou o surgimento da exclusão há tempos atrás na humanidade foi o estranhamento ocorrido entre as culturas, entre a diversidade que passou a ter acesso à escola, após a obrigatoriedade. Abordar a exclusão em sua perspectiva social requer entender os estranhamentos ocorridos no confronto entre as culturas ao longo dos tempos, considerando que, provavelmente, ao se depararem com a existência do outro, ambas as partes mergulharam em suas tradições, a fim de encontrarem indícios que os ajudassem a identificar os espectros com que haviam topado.

Então, a Educação Inclusiva, diferentemente da Educação Tradicional, na qual todos os alunos é que precisavam se adaptar a ela, chega estabelecendo um novo modelo onde a escola é que precisa se adaptar às necessidades e especificidades do aluno, buscando além de sua permanência na escola, o seu máximo desenvolvimento. Ou seja, na educação inclusiva, uma escola deve se preparar para enfrentar o desafio de oferecer uma educação com qualidade para todos os seus alunos. Considerando que, cada aluno numa escola, apresenta características próprias e um conjunto de valores e informações que os tornam únicos e especiais, constituindo uma diversidade de interesses e ritmos de aprendizagem, o desafio da escola hoje é trabalhar com essa diversidade na tentativa de construir um novo conceito do processo ensino e aprendizagem, eliminando definitivamente o seu caráter segregacionista, de modo que sejam incluídos neste processo todos que dele, por direito, são sujeitos.

Conclusões

Buscamos levar os aspectos principais sobre processos inclusivos e exclusivos no âmbito escolar, que vai desde conhecer um NAPNE por exemplo, até saber a que ponto tem-se conhecimento sobre estes processos.

Nossa pesquisa tem nos mostrado que, em muitos momentos, se faz necessário constatar a exclusão para buscar uma melhor forma de inclusão. Cabe ressaltar ainda, que a inclusão é um processo e, como tal, não tem um fim determinado. Requer um processo permanente de construção de sentidos, construção esta coletiva, que parte da necessidade de minimizar as barreiras à aprendizagem – sejam elas quais forem, experienciadas por quem quer que seja – e, conseqüentemente, de aumentar a participação de um ou vários sujeitos ou grupos que se encontram em situação de exclusão (SILVA & SALGADO, 2005, p.48).

Claro que as dificuldades ainda são muitas, e sabemos que muitas delas não se referem exclusivamente aos alunos com necessidades especiais, mas são problemas existentes já há muito tempo na estrutura educacional do país como um todo. Nesse sentido, a inclusão desse alunado em classes comuns gera novas circunstâncias e desafios, que tendem a somar-se com as dificuldades já existentes do sistema atual, e, por conseguinte, reafirma a idéia de que a inclusão exige profundas mudanças a fim de melhorar a qualidade da educação, seja para educandos com ou sem necessidades educacionais especiais.

Referências

ANTUNES, K.C.V. **EXCLUSÃO E INCLUSÃO: DOIS LADOS DA MESMA MOEDA.** Faces de ciclo, Vol. 2, N.3. 2016.

ANTUNES, Ângela e PADILHA, Paulo R. O eu e o outro compartilhando diferenças, construindo identidades. Caxias do Sul, 2005. Disponível em URL: http://www.paulofreire.org/Biblioteca/t_pad5.html, acessado em 06/08/2018.

BARROSO, J. Factores organizacionais da Exclusão Escolar a Inclusão exclusiva. In Rodrigues, D. (Org) *Perspectivas sobre a inclusão: da Educação à Sociedade.* Porto, Portugal: Porto Editora: 2003.

BAPTISTA, Cláudio Roberto (org.) **Inclusão e Escolarização: Múltiplas Perspectivas.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n° 05, set/out, 2004.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário.* Petrópolis: Vozes, 1998.

FUMEGALLI, R.C.A. **INCLUSÃO ESCOLAR: O DESAFIO DE UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS?** Ijuí – RS, 2012.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. Cad. CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, p. 8-25, dez. 1997.

MARTINET, M. Teoria das emoções: introdução à obra de Henri Wallon. Trad. de J. Seabra-Dinis. Lisboa: Moraes Editores, 1981.

MENEZES, V. **Educação: inclusão ou exclusão?** Revista Vernáculo. 2015 Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/download/36661/25644>> Acessado em: 18 de Julho de 2018.

SASSAKI, Romeu K. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. Revista Sentidos. Junho/2005. Disponível em <http://sentidos.uol.com.br/canais/materia.asp?codpag=8322&codtipo=8&subcat=31&canal=visao> . Acesso em 13 de novembro de 2008.

SAWAIA, Bader. Introdução: exclusão ou inclusão perversa? In: SAWAIA, Bader (Org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a, p.7-13.

SILVA, Kátia R. X. & SALGADO, Simone da S. Construindo culturas de inclusão nas aulas de educação física numa perspectiva humanista. Arquivos em Movimento – Revista da Escola de Educação Física e Desportos, vol.1, nº 1, Rio de Janeiro: UFRJ, 2005, p.45-53.

SKLIAR, C. (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação. 1998.

_____. (Org.) **Educação e exclusão: Abordagens Sócio-antropológicas em educação especial.** Porto Alegre: Mediação, 1997, p.7 a 79.